A IMPORTANCIA DA SOCIALIZAÇÃO PARA A CRIANÇA E A ESCOLA COMO FUNDAMENTAL

ELIANA NUCIATELLI PINTO DE MELLO

RESUMO
O estudo aborda que o processo de socialização traz consigo uma motivação positiva levando a aprendizagem a se tornar mais atrativa, e que a socialização da criança não se reduz apenas na família, mas também na escola, em todos ambientes da sociedade. Na edificação histórica de cada criança, na primeira infância se intensifica um processo de estruturas básicas que constituem em físicas, psicológicas e sociais, que deve ser respeitado e considerado acima de tudo, mas não e só isso; pois esse desenvolvimento ocorre à medida que a criança se integra a uma realidade social. A escola tem um papel importante na socialização da criança.

Palavras-chave: Socialização; Motivação; Escola; Infância.

ABSTRACT
The study addresses that the socialization process brings with it a positive motivation leading learning to become more attractive, and that the socialization of the child is not only reduced in the family, but also at school, in all environments of society. In the historical construction of each child, in early childhood a process of basic structures that constitute physical, psychological and social is intensified, which must be respected and considered above all, but not only that; because this development occurs as the child integrates with a social reality. The school plays an important role in the child's socialization.

KEYWORDS: Socialization; Motivation; School; Childhood.

INTRODUÇÃO

Como a criança constrói sua identidade no processo de socialização? Quais são os processos de socialização do indivíduo? O início da socialização da criança através da Imitação e observação de atitudes paternas. Como ocorrem os processos de socialização? Quais são os conceitos que permitem a criança compreender transformar a si e ao ambiente? Como é o desenvolvimento da criança em direção à moral autônoma? Qual é a importância do ambiente escolar para a criança? Qual é a importância das novas pesquisas que tenham como objetivo compreender o papel da escola no processo de socialização.
O ambiente alfabetizador na escola é constituído como espaço em que há a cultura letrada, com diferentes materiais, como livros, revistas, cadernos, gibis, etc., com a promoção de situações de aprendizagem em que a cultura letrada seja acessível para as crianças. É preciso que a criança seja convidada a pensar sobre a leitura e a escrita de maneira lúdica e ampliando gradativamente a construção de suas hipóteses.
Para que as crianças possam se apropriar da linguagem escrita é necessário que o professor tenha uma ação intencional e planejada, auxiliando a criança a compreender que existe uma relação entre as letras e os sons das falas. Esta ação deve ocorrer em um processo de interação com a escrita, com a proposição de atividades que envolvam a compreensão dos diferentes símbolos que fazem parte da sociedade, além de diferentes portadores textuais que contribuam nesse processo de aprendizagem da escrita.

A CRIANÇA CONSTRÓI SUA IDENTIDADE NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO.

Através da pesquisa vemos que: a definição da socialização é o ato ou efeito de socializar, ou seja, de tornar social, de reunir em sociedade. É a extensão de vantagens particulares, por meio de leis e decretos, à sociedade inteira. É o processo de integração dos indivíduos em um grupo. Quando falamos de interagir com pessoas aprendemos a lidar com o mundo, respeitando as opiniões, as culturas, conquistando a partir do relacionamento com as pessoas que conseguimos nos virar sozinhos e melhorar a nossa comunicação e até mesmo nos posicionar diante de vários problemas do dia-a-dia. Um dos benefícios de permitir que as crianças se relacionem com Professores é que a criança vai aprender a se

comunicar com estranhos, se tornando menos tímida durante o seu crescimento. Para compreender melhor a socialização é preciso entender as fases pelas quais as crianças vão passar que podem ser divididas por idades. A socialização é um artifício interativo, necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança atende suas necessidades e assimila a cultura ao mesmo tempo em que, reciprocamente, a sociedade eternizar- se e desenvolve. Inicia-se esse processo com o nascimento e, embora submisso a mudanças, permanece ao longo de todo ciclo essencial. No decorrer das últimas décadas, vem se observando uma mudança significativa no processo de socialização infantil, levando-se em conta fatores como o avanço da tecnologia nos meios de comunicação, o crescimento acentuado de informações disponíveis, a influência das mídias ao todo, as novas configurações familiares, etc. (Sousa, Shirley Ribeiro Pacifico de, 2020). Dentro deste contexto, a escola exerce um papel importante na consolidação do processo de socialização, processo esse que ocorre já no início da vida da criança. A escola será decisiva para o desenvolvimento cognitivo e social infantil e, portanto, para o curso futuro de sua vida. É na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo; nela adquirem-se os padrões de aprendizagem, a aquisição dos princípios éticos e morais que permeiam a sociedade; na escola depositam-se as esperanças, bem como as ambiguidades, inseguranças e esperanças em relação ao futuro e às suas próprias potencialidades. Quando nasce a criança, já faz parte de um grupo social, pois suas necessidades básicas estão inevitavelmente ligadas às outras pessoas e estão programadas para serem atendidas em sociedade. O grupo social onde a criança nasce necessita também da inclusão desta para manter-se e sobreviver e, por isso, além de satisfazer suas necessidades transmite-lhe a cultura acumulada ao longo de todo o curso do desenvolvimento da espécie. Esta transmissão cultural envolve valores, normas, tradições, atribuição de papéis, ensino da linguagem, capacidades e conteúdos escolares, bem como tudo aquilo que cada grupo social foi acumulando ao longo da história e que é realizado através de determinados agentes sociais, que são encarregados de satisfazer as necessidades da criança e incorporá-la ao grupo social. Entre esses agentes sociais estão os pais, os meios de comunicação, a escola, e o professor. (Borsa, Juliane Callegaro, 2007). Assim, o processo de socialização é uma interação entre a criança e seu meio. Esta interação e seu resultado dependem das características da própria criança e da forma de agir dos agentes sociais (Coll, 1999; Palacios 1995).

OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO DO INDIVIDUO.

O sociólogo brasileiro Gilberto Freire, disse que a socialização pode ser definida da seguinte maneira:

"É a condição do indivíduo (biológico) desenvolvido, dentro da organização social e da cultura, em pessoa ou homem social, pela aquisição de status ou situação, desenvolvidos como membro de um grupo ou de vários grupos."

Sobressai aqui, o papel da educação infantil nos valores, nas práticas sociais capazes de contribuir para a edificação de uma sociedade mais democrática e feliz. Os processos de Socialização são divididos em dois tipos, socialização primária e socialização secundária. Socialização Primária a criança aprende a interioriza a linguagem, as regras básicas da sociedade, a moral e os modelos de comportamento do grupo a que se pertence. Já a Socialização secundária é todo processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores no mundo. Lembrando que não devemos trata-los como adultos em miniatura assim como o autor Philippe Áries (2006) faz uma análise crítica tendo a perspectiva sócio histórica e a interpretação da sociedade europeia que até a Idade Média não distinguia crianças dos adultos.

"Na idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares às crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes

de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois do desmame tardio, ou seja, aproximadamente aos sete anos de idade.
(ARIÈS, 2006, p.193)."

IMITAÇÃO E OBSERVAÇÃO DE ATITUDES PATERNAS.

Segundo o autor Berger e Luckmann (2005), entendemos que o papel desses outros significativos não é tão importante como o papel dos pais, mas é de suma importância para o desenvolvimento da subjetividade e início de socialização da criança.

A criança inconscientemente usa do processo de imitação e observação e devido a este fato destacamos o papel dos pais, que tem uma convivência maior do que os outros significativos e decorrentes a isto, a criança tem uma tendência maior de observar e imitar as atitudes dos pais. (BERGER; LUCKMANN,2005).

COMO OCORREM OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO.

Segundo Palacios (1995) A socialização ocorre através de três processos: os processos mentais de socialização, os processos afetivos de socialização e os processos condutuais de socialização. Os processos mentais de socialização correspondem ao conhecimento de valores, normas, costumes, pessoas, instituições, bem como aprendizagem da linguagem e a aquisição de conhecimentos transmitidos através da escola. Os processos afetivos de socialização são uma das bases mais sólidas do desenvolvimento social da criança sendo a empatia, o apego afetivo com as pessoas que cuidam dela e a amizade, não só uma forma de união ao grupo, mas também mediadores de todo o desenvolvimento social. Enfim os processos condutuais de socialização envolvem a aquisição de condutas consideradas socialmente ansiáveis, evitando aquelas que são julgadas como antissociais. As motivações que favorecem a conduta social podem basear-se na, o raciocínio sobre a utilidade social de determinados comportamentos, o medo do castigo, ou o medo de perder o amor ou os favores que recebem dos demais. Assim, entende-se que o desenvolvimento social implica aprender a evitar as condutas consideradas socialmente indesejáveis e a aquisição de determinadas habilidades sociais. Um dos objetivos mais importantes do processo de socialização consiste em que as crianças aprendam o que é considerado correto em seu meio e o que se julga incorreto; ou seja, que possam conseguir um nível elevado de conhecimento dos valores morais que regem sua sociedade e se comportem de acordo com eles. Isto é conseguido através de um processo de construção e interiorização destes valores, processo que tende ademais a favorecer o desenvolvimento dos mecanismos de controle reguladores da conduta da criança. (Borsa, Juliane Callegaro, 2007). Toda a conduta social é regulada socialmente, no sentido de que o grupo social considera adequado determinadas formas de agir e outras, impróprias. A criança, por isto, tem que aprender numerosas habilidades sociais que lhe são exigidas desde os primeiros anos de vida (Coll, 1999; Palacios, 1995).

OS CONCEITUAIS QUE PERMITEM A CRIANÇA COMPREENDER E TRANSFORMAR-SE.

A maneira pela qual as crianças lidam com as regras, com a justiça e a moral varia no decorrer do processo de desenvolvimento. A compreensão das atitudes morais se dá através do conceito de estágio, o que significa que o desenvolvimento das atitudes morais pressupõe uma reorganização sequencial relacionada à idade. (Borsa, Juliane Callegaro, 2007).

Para Piaget os indivíduos desenvolvem sistemas conceituais que lhe permitem compreender e transformar a si e ao ambiente. Esta construção ocorre através das interações com o meio, aonde a criança vai desenvolvendo suas próprias crenças. Os aspectos mais significativos da teoria de Piaget sobre as atitudes morais são:

O desenvolvimento moral tem um componente básico-estrutural ou de juízo moral, com uma motivação baseada na aceitação, na competência, no amor próprio ou na realização pessoal;

O desenvolvimento moral é universal, sob o ponto de vista cultural, porque todas as culturas têm certas fontes comuns de interação social, adoção de papéis e conflito social que exigem uma integração moral;

As normas e os princípios morais básicos nascem das experiências de interação social;

O que caracteriza cada estágio não é a interio-

rização das regras já elaboradas externamente pela criança e sim certo nível estrutural de raciocínio moral surgido no sistema cognitivo da criança e fruto de sua interação com os demais;
As influências do meio sobre o desenvolvimento moral são definidas pela extensão e qualidade geral dos estímulos cognitivos e sociais ao longo do desenvolvimento da criança. (Piaget, 1994).

O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM DIREÇÃO À MORAL AUTÔNOMA.
De acordo com a teoria piagetiana, é no período escolar, compreendido a partir dos sete anos, que as crianças evoluem da heteronômia para a autonomia moral. A moral heterônoma é a moral da obediência à autoridade, à regra e ao dever. Nela, aquilo que é imposto, aquilo que aparece como dever corresponde ao Bem. A moral autônoma é uma superação da moral heterônoma. Nela a noção de bem é derivada dos deveres. Na heteronômia a obediência à lei é toda a moral, e seu fundamento. Na autonomia, não somente tal obediência é apenas parte da moral como deixa de ser seu fundamento, que passa a ser a reciprocidade, o contrato, o projeto comum. (Araguaia, Mariana 2007).
Para Piaget, o desenvolvimento da criança em direção à moral autônoma se dá porque, nela, o sujeito investe sua personalidade, sua identidade enquanto na moral heterônoma, a moral permanece superficial, periférica à consciência (Demo; La Taille & Hoffmann, 2001).
As crianças, nas suas relações com os iguais, descobrem que é necessária a reciprocidade, para agir conforme as regras, levando em conta que as regras são efetivas, se as pessoas concordarem em aceitá-las. Sua procedência não mais deriva da autoridade externa, mas resultam de convenções acordadas entre indivíduos e, portanto, podem ser modificadas (Piaget, 1994).

A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE ESCOLAR.
As modificações que, durante os anos escolares, produzem-se no conhecimento social das crianças, afetam o modo como compreendem as características dos outros e de sim mesmas, bem como a sua concepção das relações que as vinculam e sua representação das instituições e sistemas sociais em que estão mergulhadas. Neste sentido, a entrada e o percurso pelo âmbito escolar vão constituir para a criança um acúmulo de experiências ricas e interessantes, pois a escola é um microcosmo da sociedade. (Borsa, Juliane Callegaro, 2007). No meio escolar, a criança se relaciona com muitas pessoas, com diferentes graus de conhecimento com as quais estabelece relações diversas, sendo, além disso, um âmbito que, em si mesmo, constitui um sistema social, com normas e funcionamento alheios à criança, mas nos quais esta é mergulhada e deve ir compreendendo (Palacios, 1995).
É preciso pensar nos aspectos relacionadas as práticas de alfabetização que vá além da mera codificação e decodificação de símbolos, o aprendizado deve abarcar o contexto social em que o indivíduo está inserido. Além das práticas de efetivo letramento e imersão na cultura letrada e escrita de nossa sociedade. O indivíduo letrado é considerado como capaz de participar das práticas sociais, interpretar e interagir nas diferentes situações de seu cotidiano e atuar em seu meio.
A escola precisa instigar no aluno projetos de vida, ele precisa saber que tem possibilidades e que a escola pode colaborar para conquistá-las, ter um propósito de vida estimula a perseverança, favorecendo maior foco, engajamento. Para isso é necessário ter um conhecimento para trabalhar com expectativas reais, as rodas de conversas são muito estimulantes, porque mediado pelo professor que orienta os questionamentos, podem surgir as habilidades que cada um possui e as competências que podem ser adquiridas. Além de dinâmicas que possibilite a abertura de questionamentos, reflexões e análises.
É fundamental promover durante as aulas o desenvolvimento pedagógico e o humano focando no individual e coletivo. Permitindo ao aluno estabelecer metas e se prepara para alcançá-la. Não é uma tarefa fácil, no entanto não podemos fechar os olhos para tantos discentes que estão dentro da escola, mas sem objetivos, que olham para o ambiente, mas não se reconhece nele, infelizmente muitos, além da apatia ainda pode desenvolver comportamento agressivo, dificultando ainda mais o trabalho. O professor muitas vezes pode acabar se afastando do seu propósito educa-

cional quando se depara com tal empecilho, por isso é importante já fazer um prognóstico de percalços que poderá encontrar, durante a aula, dentro do seu planejamento, isso abranda qualquer situação embaraçosa e ao mesmo tempo fortalecerá a imagem positiva dos alunos perante um profissional que demonstra equilíbrio e respeito por todos.

De acordo com Paulo Freire (2002, p.21),
É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimentos – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido.
É importante que nos planejamentos seja incorporado o momento de interação com os alunos, estimulando o conhecimento prévio, estimulando teoria e prática. Deve se permitir o diálogo e até mesmo a divagação, pois assim se cria um ambiente construtivo, potencializando a troca de informações, agregando novas ideias, transformando a aprendizagem abstrata para um conhecimento concreto.

REFLEXÕES ESSENCIAIS SOBRE CURRÍCULO
Um currículo não é um cronograma de atividades, projetos desconexos entre si ou rotinas pensadas a partir do adulto e suas necessidades. Não é um pacote de livros, brinquedos e materiais que se articulam nas datas comemorativas do ano. Não é, ou não deveria ser. Currículo é tudo o que corre pela escola. É um conjunto de atitudes e experiências que demonstram crenças éticas, estéticas e políticas claras e que impactam desde os documentos das Unidades Escolares até as ações de cada funcionário. As atitudes são éticas quando cada um respeita o lugar do outro em relação ao brincar e a convivência coletivos e são estéticas enquanto cada criança é observada e incentivada individualmente diante das suas potencialidades a vivências prazerosas e potentes em aprendizagens próprias. E os princípios são políticos quando há respeito à criança enquanto sujeito de direitos, que possui uma história que não é construída apenas na escola, mas na sociedade e no território a que pertence.

Se compreendemos o currículo dessa forma, pois também entendemos que a criança aprende o tempo todo através das interações que estabelece, novamente nos voltamos às reflexões sobre a ação docente. O professor (a) deixa de ser o centro do processo educativo e passa a desenvolver uma escuta atenta sobre como a criança aprende e o que ela quer aprender. O objetivo deste profissional passa a ser incentivar sempre a curiosidade dos bebês e das crianças e mostrar a elas que podem ser investigadoras e pesquisadoras para que possam construir seu conhecimento de forma potente.

De acordo com Maria Carmen da Silveira Barbosa:

"As infâncias, temos pensado como a forma específica de conceber, produzir e legitimar as experiências das crianças. Assim, falamos em infâncias no plural, pois elas são vividas de modo muito diverso. Ser criança não implica em ter que vivenciar um único tipo de infância. As crianças, por serem crianças, não estão condicionadas as mesmas experiências". BARBOSA (2009)

A partir dessa concepção podemos ter clareza de que os bebês e crianças vivem nas Unidades Escolares suas infâncias aprendendo a conviver coletivamente, a brincar, a conversar entre si e com os adultos, a ser curiosos, a pesquisar, a vivenciar, a experimentar, enfim – aprendem e se constituem como crianças.

A importância das novas pesquisas que tenham como objetivo compreender o papel da escola no processo de socialização.

A criança chega à escola levando consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, porém o ambiente escolar será uma peça fundamental em seu desenvolvimento. Estes três elementos – aspectos constitucionais, vínculos familiares e ambiente escolar – constituirão o tripé do processo educacional (Outeiral, 2003). Para Palacios (1995), a escola é, junto com a família, a instituição social que maiores repercussões têm para a criança. A escola não só intervém na transmissão do saber científico organizado culturalmente como influi em

todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individuação da criança, como é o desenvolvimento das relações afetivas, a habilidade de participar em situações sociais, a aquisição de destrezas relacionadas com a competência comunicativa, o desenvolvimento da identidade sexual, das condutas pró-social e da própria identidade pessoal.
A partir destes apontamentos é que são consideradas importantes as novas pesquisas que tenham como objetivo compreender o papel da escola no processo de socialização da criança. Considera-se a ação de educar não só como o processo de ensino-aprendizagem, mas também, e não menos importante, o processo de constituir indivíduos críticos, socializados, com conhecimento pleno daquilo que é importante ser, enquanto indivíduos, e daquilo que o mundo espera de si, enquanto pessoas éticas, plenamente integradas no espaço em que estão inseridas (Borsa, Juliane Callegaro, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de socialização traz consigo uma motivação positiva levando a aprendizagem a se tornar mais atrativa, a seriedade de compreender o papel da escola enquanto espaço importante para o artifício de socialização da criança, que a socialização da criança não se reduz apenas na família, mas também na escola, em todos ambientes da sociedade.
Os estudos sobre o desenvolvimento infantil vêm mostrando que a escola desempenha um papel fundamental na promoção do conhecimento social, no grande desenvolvimento das capacidades cognitivas e vai incidir, claramente, na concepção que as crianças têm do mundo social e suas particularidades. Na a edificação histórica de cada criança, na primeira infância se intensifica um processo de estruturas básicas que constituem em físicas, psicológicas e sociais, que deve ser respeitado e considerado acima de tudo, mas não e só isso; pois esse desenvolvimento ocorre à medida que a criança se integra a uma realidade social. A escola tem um papel importante na socialização da criança, pois no processo educacional, é imperativo considerar diversos aspectos, tais como a educação familiar de cada criança, padrões e regras que a sociedade atribui também que é necessária uma constante formação e atualização dos profissionais da educação, personagens importantes na construção do indivíduo, onde novas práticas pedagógicas precisam ser aprendidas e adotadas, acompanhando e desfrutando a evolução da ciência e da tecnologia. A partir destes apontamentos, surge a necessidade de compreender de que forma a escola contribui para a socialização, levando em conta as diversas especialidades envolvidas neste processo como o alcance de valores éticos e morais bem como a edificação da identidade e a competência de relacionar-se e interagir, e as políticas educacionais governamentais que permeiam o sistema de ensino. Precisam viabilizar esta socialização de forma satisfatória, justa e democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.

Coll, César S. (1999), Psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas.

Onofre. Márcia Regina, Educação Infantil, Psicologia do Desenvolvimento, 2088 Martincowisk, Terezinha Maia, Psicologia do Desenvolvimento, 2008.

Coll, César S. (1999). Et al. Desenvolvimento Psicológico e Educação. Vol. - Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Demo, P; La Taille, Y; Hoffmann, J. (2001), Grandes pensadores em educação: o desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação. Porto Alegre:
Mediação.

Juliane Callegaro Borsa, O Papel da Escola no Processo de Socialização Infantil, (2007), <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>, Acesso em 28/11/2020.

ARAGUAIA, Mariana. "Piaget e o desenvolvimento moral na criança"; BrasilEscola. <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/piage t- desenvolvimento-moral-na-crianca.htm> acesso, 29/11/2020.
Shirley Ribeiro Pacifico de Sousa, Socialização na Educação Infantil, 2020, <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/

pedagogia/a-socializacao-na-educacao- infantil.htm>, Acesso em 30/11/2020.

Outeiral, José. (2003), O mal estar na escola. Rio de Janeiro: Revinter. Palacios, Jesús, Coll, C., Marchesi, A. (1995), Desenvolvimento psicológico e educação:
psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas.

Piaget, Jean. (1994), O juízo moral na criança. 2º ed. São Paulo: Summus.